

Almost the same but not quite: *Mimicry e Subversão em Youth e Foe* de J. M. Coetzee

Jéssica Bispo

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA
DE LISBOA - CETAPS

Citation: Jéssica Bispo. “*Almost the same but not quite: Mimicry e Subversão em Youth e Foe* de J. M. Coetzee.” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 10, n.º 2, 2021, pp. 26-44. ISSN: 2182-9934. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>. DOI: 10.21747/2182-9934/via10_2a2.

Abstract

This article analyzes, through a postcolonial perspective, the literary works *Foe* and *Youth*, both written by J. M. Coetzee. It problematizes the concept of mimicry as presented by Homi K. Bhabha in his essay “Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse”. Analyzing the actions of the characters John and Friday, it becomes possible to perceive how they resort to strategies of mimicry and attempt to resist Western discourses of power. Consequently, they present themselves as disruptive and subversive in a cultural space traditionally imbedded with colonial authority.

Keywords: Postcolonialism; Mimicry; Subversion; Resistance; Culture

Resumo

O presente artigo efetua uma análise pós-colonial das obras literárias *Foe* e *Youth*, ambas da autoria de J. M. Coetzee, problematizando o conceito de *mimicry* tal como este é expresso por Homi K. Bhabha no seu ensaio “Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse”. Analisando as ações das personagens John e Friday, torna-se perceptível a forma como recorrem a estratégias de *mimicry* com o intuito de resistirem ao discurso de poder ocidental e, conseqüentemente, se apresentam como elementos disruptivos e subversivos num espaço cultural tradicionalmente munido de autoridade colonial.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; *Mimicry*; Subversão; Resistência; Cultura

Em “Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse”, da obra *The Location of Culture*, Homi K. Bhabha sintetiza, com a expressão que serve de título a este artigo - “. . . a difference that is almost the same, but not quite” (86)-, de forma clara e direta (na medida do possível dada a complexidade do ensaio), o conceito de *mimicry* apresentado pelo seu autor. No universo da Biologia, este termo remete para um fenômeno caracterizado pela semelhança entre dois ou mais organismos que não são taxinomicamente relacionados, sendo que esta aproximação física confere uma vantagem a um destes organismos, podendo proteger o mesmo dos seus predadores (Wickler s/ pág.). Bhabha alicerçou precisamente a sua visão neste fenômeno e transportou o mesmo para o domínio dos Estudos Pós-coloniais, onde o aplica à dinâmica entre colonizador e colonizado, derrubando o binarismo expresso por Edward Said em *Orientalism* (1978).¹

O presente artigo pretende efetuar uma análise das obras *Youth* (2002) e *Foe* (1986), ambas da autoria do escritor sul-africano J. M. Coetzee, recorrendo ao conceito de *mimicry* tal como este é concebido e explicitado por Bhabha. Devido à pluralidade de aspetos passíveis de análise de tão complexas obras, focar-nos-emos nas personagens Friday, no caso de *Foe*, e John, relativamente a *Youth*. É do nosso interesse demonstrar como estas personagens recorrem a estratégias de *mimicry* para subverterem o poder autoritário que as colocaria, à partida, numa posição inferior. Desta forma, ao invés de as situarmos e interpretarmos à luz de uma simples dinâmica de Eu/Outro ou colonizador/colonizado, o que implicaria atribuir uma posição de poder intrínseca ao Eu colonizador e uma posição de inferioridade ao Outro colonizado, comprovaremos que as relações estabelecidas entre estas personagens e as demais são na verdade ambivalentes, e ambas as partes se repelem e se complementam simultaneamente. Tal permitirá que estas personagens, aparentemente em posição de inferioridade, surjam como elementos perturbadores da ordem vigente e sejam capazes de subverter relações de poder através da paródia e do ridículo.

Partindo de uma explicação e problematização do conceito de *mimicry* e a devida contextualização do mesmo tendo em conta os Estudos Pós-coloniais, iremos seguidamente focar as obras em estudo, iniciando esta análise literária por *Foe*, seguida de *Youth*. O nosso principal objetivo é demonstrar como Friday e John, em posição de agentes colonizados, desafiam o agente colonizador ocidental, representado em ambas as obras por um ou mais indivíduos britânicos e pela Inglaterra, espaço propício à subversão efetuada pelos agentes colonizados. Considerando que ambos resistem ao discurso de poder que emana do agente

colonizador, iremos, através do conceito de *mimicry*, perceber de que forma é exercida uma discreta subversão e, no processo, como a impotência e a superficialidade do agente colonizador ficam expostas.

Com este artigo pretende-se contribuir para a expansão do debate em torno dos Estudos Pós-coloniais aplicados à análise literária, em que destacamos a natureza atual do tema e, como Robert Young enfatiza, a importância de produzir e disseminar conhecimento que contribua para uma transformação social e ideológica em prol da igualdade e da contestação de formas de domínio (*An Historical Introduction* 11). Assim, é de extrema importância alargar a investigação destas obras, e outras similares, para incluir um foco nas formas de resistência dos agentes colonizados, ao invés de reduzir a análise à dicotomia Eu/Outro, em que o agente colonizador permanece numa posição de superioridade e não contestação e apenas o silêncio do agente colonizado (literal ou metafórico) é focado, bem como a aparente incapacidade de este resistir e se revoltar.

A leitura pós-colonial das obras escolhidas oferece então um rico e produtivo entendimento sobre as relações coloniais estabelecidas tanto no passado como no presente, ainda que manifestadas de forma distinta. Assim, optamos por este ponto de vista em detrimento de perspectivas mais tradicionais que são desnecessariamente limitativas.² Para melhor introduzir a nossa análise e sustentar esta abordagem em que a baseamos, resta referir ainda que, apesar de o objetivo do presente artigo não passar por colocar um foco na natureza destas obras como sendo reescritas do paradigmático *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe (constituindo assim o que chamamos de Robinsonadas),³ este aspeto não pode deixar de ser mencionado. *Foe* e *Youth* apresentam-nos o ponto de vista de personagens não-ocidentais que resistem à influência colonizadora de uma Inglaterra hegemónica, sendo que esta se manifesta através de determinadas figuras (veremos adiante quais). Assim, as dinâmicas que encontramos em *Robinson Crusoe* estão também presentes em *Foe* (mais obviamente) e *Youth* (de forma menos óbvia).

Neste espírito, e contrariando perspectivas que parecem perdurar no seio da academia e que reduzem a essência de *Robinson Crusoe* - e algumas das suas reinterpretações - a uma expressão do mito ou fantasia colonial (McInelly 2), procuramos alargar a discussão em torno destas dinâmicas e caminhar numa direção que permite não apenas focar a superioridade do agente colonizador mas também, e principalmente, o potencial do sujeito colonizado como elemento disruptivo e subversivo, pois tal como o próprio J. M. Coetzee anuncia no seu ensaio “Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*”: “No one wants to read about docile sons” (23).

1. *Mimicry* segundo Homi K. Bhabha e os Estudos Pós-coloniais

No ensaio “Of mimicry and man: The ambivalence of colonial discourse”, Bhabha expressa a sua perspectiva relativamente ao conceito de *mimicry*, argumentando que este se apresenta como o desejo que o agente autoritário do discurso colonial nutre por um Outro que lhe seja familiar e semelhante, mas não em demasia (86). Desta forma, é criada uma relação de ambivalência entre este agente, que designaremos de agente colonizador doravante para facilitar a compreensão da presente análise, e o Outro, a que nos iremos referir como agente colonizado.

Necessitamos também de explicar, desde já, a escolha destas designações e efetuar um breve esclarecimento sobre a nossa aceção de *mimicry*. As personagens que iremos focar em cada uma das obras em estudo - Friday em *Foe* e John em *Youth* - completam um percurso que as retira de um local que foi sujeito a um processo de colonização europeu e as coloca naquela que foi a metrópole de um império.⁴ É por esta razão que consideramos estas personagens como sendo agentes colonizados e analisamos a sua capacidade de subversão em relação ao agente colonizador, *i.e.* a Inglaterra. Apesar de as obras em análise não terem sido redigidas neste contexto imperial, as relações de poder permanecem e, por essa razão, o processo de colonização, ao invés de se extinguir, apenas sofre mudanças e se adapta ao longo da história. Também a viagem - interior e exterior - das próprias personagens implica uma deslocação, um crescimento e uma transformação, pelo que *mimicry* não é somente uma representação estática das tensões coloniais - “one of the most elusive and effective strategies of colonial power and knowledge” (Bhabha 85)-; é sim um complexo processo que acompanha a evolução identitária e cultural das personagens, que se vão progressivamente tornando mais ousadas e subversivas nos seus atos.

Regressando agora à teoria expressa por Bhabha, o agente colonizador repudiará então o colonizado pela sua diferença e por considerar que continua a exercer a sua superioridade em relação a este. No entanto, é também, inevitavelmente, criada uma relação de proximidade quando o agente colonizado é sujeito a uma formação por parte do colonizador - “reform of manners” (*Ibidem* 87)-, visando este último conferir-lhe um papel ativo na sua estrutura social. É esta relação ambivalente que dá permissão ao agente colonizado para resistir e subverter a autoridade do colonizador, pois não existe uma oposição direta entre ambos e sim uma relação de repúdio e fascínio mútuos:

Adapted into colonial discourse theory by Homi Bhabha, [ambivalence] describes the complex mix of attraction and repulsion that characterizes the relationship between colonizer and colonized. The relationship is ambivalent because the colonized subject is never simply and completely opposed to the colonizer. (Ashcroft et al. 10)

Muitas vezes de forma inconsciente, o agente colonizado, localizado entre duas culturas distintas, serve-se do processo de *mimicry* para diminuir a autoridade do agente colonizador, debilitando o sistema de poder do mesmo e expondo a sua fraqueza e superficialidade. Mimetizando uma cultura que não a sua, este agente colonizado deixa de ser um Outro na sua totalidade, estando agora num *in-between* ou nível intermédio e devidamente capacitado para questionar ativamente o agente colonizador, como Sumit Chakrabarti esclarece:

He is now 'other' but 'not quite'. This lateral movement places him in the ambivalent position of the hybrid subject who is neither colonizer nor colonized, but something in between. This in-betweenness of the emergent colonial subject who is 'white, but not quite' portends the beginning of a counter-gaze that effectively displaces the social control of the power centre. (13)

O papel ativo do agente colonizado incita um sentimento, também ele ambivalente, de ansiedade e reconforto no agente colonizador. Este último sente o conforto de criar um Outro mais familiar e reconhecível e, portanto, dominado aparentemente de forma mais fácil. No entanto, também uma ansiedade peculiar advém da ameaça que o processo de *mimicry* representa para o agente colonizador, uma vez que o colonizado, ao ser assemelhado a este, passa a possuir a capacidade de interagir com ambas as culturas. Existe agora uma possibilidade de subversão que convive em simultâneo com o sistema de autoridade colonial, o que permite ao agente colonizado atuar de forma reservada e eficaz.

Desta interação surge a oportunidade de questionar a cultura dominante, pois o agente colonizado não se encontra numa posição de completa submissão. É através da ridicularização e da paródia, características intrínsecas do processo de *mimicry*, que o agente colonizado consegue subverter a autoridade do agente colonizador. De acordo com Enrique Galvan-Alvarez et al., o processo de descolonização envolve sempre, de alguma forma, o ato de espelhar os movimentos do colonizador e dominar a sua língua (164). A apropriação da língua, evidenciada de forma bastante óbvia em obras como *The Lonely Londoners* (1956) de Sam Selvon, constitui de facto um ato subversivo por introduzir um discurso marginal na capital britânica. No entanto, mais do que espelhar

os movimentos do colonizador e ficar igual a este - sendo a imagem refletida num espelho exatamente igual ao que se posiciona à sua frente -, o agente colonizado mimetiza apenas determinadas características do colonizador e a sua presença é somente parcial. Assim, a sua ação, que conjuga características de agente colonizador e colonizado, deturpa discursos de poder ocidentais, ridicularizando-os, e a discriminação por si sofrida é transformada na afirmação da sua identidade cultural híbrida e potencialmente subversiva:

. . . as discrimination turns into the assertion of the hybrid, the insignia of authority becomes a mask, a mockery. After our experience of the native interrogation, it is difficult to agree . . . that the psychic choice is to “turn white or disappear.?” There is the more ambivalent, third choice: camouflage, mimicry, black skins/white masks. (Bhabha 120)

A capacidade de o agente colonizado subverter o poder e autoridade do agente colonizador constitui a motivação substancial dos Estudos Pós-coloniais⁵ e o conceito de *mimicry* definido por Bhabha apresenta-se precisamente como uma abordagem incluída nesta perspetiva. A sua relevância para o presente artigo explica-se por um alargamento do pensamento já introduzido por Edward Said, permitindo assim um avanço do debate em torno da resistência ao processo de colonização e ao imperialismo, e pelo facto de apresentar uma estratégia deveras discreta e eficiente para colocar em causa discursos de poder ocidentais, fora do imaginário popular que reduz frequentemente as tensões coloniais a batalhas territoriais: “To the extent to which discourse is a form of defensive warfare, mimicry marks those moments of civil disobedience within the discipline of civility: signs of spectacular resistance” (*Ibidem* 121).

O crítico demonstra assim que o discurso colonial não é coeso nem infalível, pois na tentativa de aculturar o Outro, o agente colonizador não produz indivíduos que sejam uma cópia sua, mas sim sujeitos que o copiam e que são, portanto, capazes de agir por vontade própria e de acordo com as suas motivações e desejos. Tendo em consideração o poder que reside nestes sujeitos, os Estudos Pós-coloniais mudam o foco do discurso dominante ocidental para as vozes não-ocidentais - tal como Robert Young afirma - “. . . turning the world upside down . . . looking from the other side of the photograph . . .” (*A Very Short Introduction* 2) - numa miríade de formas distintas que permitem visualizar as estratégias de resistência que os agentes colonizados empregam e que iremos de seguida identificar e analisar no *corpus* literário escolhido.

2. Um silêncio disruptivo: Friday em *Foe*

Foe, romance publicado dezasseis anos antes de *Youth*, apresenta-se como uma reescrita da *magnum opus* de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, introduzindo novas perspectivas sobre pertinentes questões apresentadas pela célebre obra que lhe serviu de base. Exibindo novas personagens, como Susan Barton e o escritor Daniel Foe, e transformando as já existentes (Robinson e Friday), *Foe* revela uma brilhante leitura pós-colonial da obra de Defoe, explorando a relação colonial entre as diversas personagens e, especialmente relevante para o presente artigo, estratégias de resistência do agente colonizado em relação ao agente colonizador. São inúmeras as dinâmicas entre as personagens passíveis de serem abordadas à luz do conceito de *mimicry* de Homi K. Bhabha, especialmente se interpretarmos espaços geográficos e psicológicos como personagens e, portanto, desempenhando um papel ativo no desenvolvimento da narrativa e das relações interpessoais existentes. No entanto, pela necessidade de delimitar a presente análise, iremos focar-nos em Friday, que se apresenta nesta obra de uma forma bastante distinta do seu homónimo em *Robinson Crusoe*.

Em primeiro lugar, atentemos na característica mais marcante de Friday em *Foe*: o seu inquietante silêncio. Poderíamos interpretar este silêncio como representativo da incapacidade de Friday se revoltar contra o agente colonizador, *i.e.* Robinson Crusoe, permanecendo por essa razão num estado de submissão e total ausência de expressão própria. No entanto, o silêncio de Friday não simboliza a sua opressão e sim a sua capacidade de resistência. A ausência de voz não corresponde a uma falta de expressão, é antes uma manifestação em si mesma. Friday fala através do seu silêncio: “Friday’s body speaks beyond itself, and silence has its own agency. Friday’s mute body is its own text, its own story” (Neimneh 52). Esta conclusão pode ser retirada das diversas interações entre Friday e Susan após estes abandonarem a ilha de Crusoe, oportunidade providenciada por um mercador que navegava em direção a Bristol (Coetzee *Foe* 38). Após a chegada a Inglaterra, Susan, viajando junto de Friday, regista os seus pensamentos, sendo claramente perceptível a sua tentativa de operar, como Bhabha evoca, uma “reform of manners” em Friday.

Susan transforma-se assim num agente colonizador que tenta consecutivamente inculcar em Friday a sua forma de vida ocidental. A placidez de Friday parece indicar que Susan terá sucesso, mas atentemos na seguinte passagem, que revela uma das várias instâncias em que Susan tenta ensinar Friday a exprimir-se em inglês através de palavras: “Was it possible for anyone, however benighted by a lifetime of dumb

servitude, to be as stupid as Friday seemed? Could it be that somewhere within him he was laughing at my efforts to bring him nearer to a state of speech?" (*Ibidem* 146).

Imediatamente identificamos o sentimento ambivalente que Bhabha exprime no seu ensaio, sendo que Susan se encontra explicitamente ansiosa e frustrada, mas mantém igualmente a ilusão de que, ao tentar ensinar Friday, consegue exercer controlo sobre este. E porque se encontra Susan tão inquieta? Precisamente porque Friday utiliza uma estratégia de resistência para contrapor o discurso de poder que emana do agente colonizador, neste caso a própria Susan. Tal é intensificado pela seguinte observação desta última: "Somewhere in the deepest recesses of those black pupils was there a spark of mockery?" (*Ibidem*). Aqui é introduzida, de forma bastante óbvia, a área que Bhabha identifica como aquela que cria uma ameaça à missão civilizadora e reformadora do agente colonizador: "It is from this area between mimicry and mockery, where the reforming, civilizing mission is threatened by the displacing gaze of its disciplinary double . . ." (Bhabha 86).

É igualmente interessante o facto de Susan referir que, mesmo que Friday estivesse a ridicularizar os seus esforços, esta não iria conseguir comprová-lo. Tal acontece porque Susan observa Friday através de uma óptica de superioridade e condescendência, infantilizando o ser humano adulto que está à sua frente. Susan revela-nos que o que a impede de ter esta percepção é um factor cultural, uma incapacidade do seu "English eye" detectar a "African spark" de Friday (Coetzee *Foe* 146). Sabemos, pois, que Susan menospreza a cultura de Friday. Mas este consegue interagir tanto com o seu próprio *background* cultural como com este novo mundo ocidental, que tenta subverter através da paródia e do seu permanente silêncio.

Noutra ocasião, Friday veste as roupas e perucas de Foe e, de seguida, delicia-se numa dança frenética que Susan é incapaz de impedir (*Ibidem* 92, 151). Esta dança apresenta-se como mais uma ridicularização do agente colonizador, aqui personificado por Foe⁶ e Susan. Friday, desenvolvendo uma ousadia que excede a sua timidez inicial e mimetizando de forma óbvia determinadas características do colonizador, subverte a autoridade deste último e fica "beyond human reach" (*Ibidem* 92), insubordinado e invulnerável.

Para além da dança, mas ainda com as vestes de Foe colocadas, Friday alimenta-se de um prato tipicamente britânico (*pease pudding*), e Susan, observando, reflete: "Did human flesh once pass those lips? Truly, cannibals are terrible . . ." (*Ibidem* 94). Esta eterna dúvida perturba Susan, mas é também através da mesma que Friday consegue novamente subverter a autoridade do agente colonizador, pois atentemos no facto de ele estar a mimetizar um britânico (neste caso, Foe) mas com a possibilidade

de, outrora, ter sido um canibal, uma sombra do passado que impede a completa aculturação de Friday e o coloca, portanto, no nível intermédio que potencializa a inversão do discurso de poder. Metaforicamente, está aqui presente um elemento britânico (o *pudding*) a ser devorado por uma boca estrangeira e alienígena, que poderá eventualmente ter estado em contacto com carne humana, uma prática tabu no mundo ocidental e um estereótipo propagado em relação a diversos povos sujeitos ao processo de colonização, nativos da região das Caraíbas e até mesmo do Brasil.⁷

Repetindo uma vez mais este comportamento, Friday acaba por adicionar o material de escrita de Foe à sua imagem: “It was Friday, with Foe’s robes on his back and Foe’s wig, filthy as a bird’s nest, on his head. In his hand, poised over Foe’s papers, he held a quill with a drop of black ink glistening at its tip” (*Ibidem* 151). Esta passagem é extremamente simbólica para percebermos o processo de subversão que Friday emprega: fazendo uso da imagem característica de Foe (note-se a repetição do nome) que representa o homem branco ocidental e o agente colonizador, Friday ridiculariza o mesmo e, algo acrescentado por esta instância em particular, revela que domina a sua própria narrativa. Isto é representado pela forma como Friday se apodera do material que Foe utiliza para escrever. Não só Friday demonstra metaforicamente que é capaz de narrar a sua própria história, como utiliza uma ferramenta do agente colonizador para o fazer. Desta forma, ganha voz sem perder o seu silêncio tenaz. Sobre este processo, Elham Naej afirma: “When Coetzee’s colonized characters mimic the colonizer, they manage to broach a counter-discourse which enables his marginal characters to write back into the colonizer’s own discourse by trying to subvert it while re-producing” (43-4). É este *counter-discourse* que retira as personagens de uma margem e, como Naej falha em aprofundar na sua análise, as coloca no centro, sendo que, a partir desse local central abstrato, subvertem o discurso do agente colonizador.

Deste momento particular da obra de Coetzee, valerá a pena salientar também a incompreensão de Foe perante o ato subversivo de Friday. Não assumindo que este último está discretamente a inverter os papéis de colonizador e colonizado, Foe menospreza o acontecimento: “‘Let him be, Susan,’ he said in a tired voice: ‘he is accustoming himself to his tools, it is part of learning to write’” (Coetzee *Foe* 151). Esta atitude de superioridade demonstra a fragilidade do agente colonizador, que não reconhece o facto de a sua autoridade estar a ser colocada em causa. Foe persegue o seu objetivo de instruir, e por extensão colonizar, Friday, que deveria progressivamente adotar uma presença, sempre parcial, no universo ocidental. Tornar-se-ia assim, para Foe e Susan, no desejável Outro familiar e reconhecível mas submisso

ao agente colonizador. Considerando que a pantomima de Friday faz parte deste processo de anglicização, Foe considera o mesmo inofensivo e ignora o seu poder subversivo. Esta situação é comparável à criação de verdadeiros *mimic men* pelos colonizadores britânicos, sendo que estes últimos falhavam em reconhecer o poder e o conhecimento dos homens por si escolhidos para representar a cultura ocidental nas diversas colónias, nomeadamente na Índia:

. . . the basic idea behind the creation of these Anglicized (but not English) subjects was to make them repeat rather than represent the West and its socio-cultural formations. It was also to transform Indian knowledge into European information that would facilitate domination and rule. . . . However, what the European master failed to realize was that many of these chosen and educated colonial subjects who were meant to play the role of the mimic men were also men of letters by their own right. They realized that they were being used by the colonizer for the simple reason that they were better than many of their brethren in certain respects . . . this is why there was always the implicit possibility of the counter-gaze . . . (Chakrabarti 14)

Apesar de Foe e Susan falharem em reconhecer de forma direta o poder que reside em Friday, estes não ocultam, de forma alguma e como já foi mencionado, a frustração perante o recorrente fracasso em entender e subseqüentemente dominar o seu silencioso discurso. Isto é particularmente visível no desespero que Susan demonstra após diversas tentativas falhadas em ensinar Friday a viver na sociedade ocidental, considerando-o um fardo tremendo e um obstáculo à sua liberdade (Coetzee *Foe* 147). A representação de Friday desta forma é deveras simbólica, pois o agente colonizador não só é incapaz de controlar Friday como se sente aprisionado por este.

Finalizamos assim este capítulo, reiterando a relevância do acto de mimetizar o agente colonizador como forma de resistência. Friday consegue proteger a sua própria história e toda a sua cultura antes de Robinson, Susan e Foe surgirem na sua vida. Se o seu silêncio é provocado por uma incapacidade física ou por escolha do próprio, o leitor nunca saberá,⁸ o que reforça o seu valor subversivo.

3. Uma desilusão subversiva: John em *Youth*

Youth apresenta-nos John, uma personagem pautada por uma constante melancolia derivada de um particular sentimento de não-pertença: África do Sul é o país onde nasceu, mas é em Inglaterra que anseia viver, na procura por inspiração que lhe proporcione uma completa realização literária. No entanto, no seio desta constante

angústia e dúvida, percebemos que reside em John um potencial subversivo que se manifesta quando abandona a África do Sul e passa a viver em Inglaterra.

Antes de percebermos como esta subversão é efetuada, é necessário entender que a principal causa da melancolia que John sente é a sua (falta de) identidade cultural, colocando-o no espaço intermédio - *in-between* - que o capacita a diminuir a superioridade do agente colonizador ocidental, aqui representado novamente pela Inglaterra e a sua capital Londres. Descendendo de antigos colonos holandeses e tendo consciência do violento processo de colonização de África do Sul (Coetzee *Youth* 17), John sente-se incapaz de uma identificação plena com estes e também com os povos nativos sul-africanos, negros na sua cor de pele.

É através da estratégia de *mimicry* que John subverte o discurso de poder e se coloca numa posição que nos transmite a superficialidade do agente colonizador. A este propósito, será interessante aludir à figura de Krotoa, uma jovem que, durante a colonização holandesa do extremo sul de África no século XVII e o posterior estabelecimento da Colónia do Cabo, permitiu a comunicação entre os povos nativos e os recém-chegados colonizadores:

In December 1651 the Dutch East India Company (VOC) appointed the merchant Jan Van Riebeeck to establish and command a permanent settlement on the southern tip of Africa. . . . Soon after Van Riebeeck arrived, a twelve-year-old Khoekhoe girl named Krotoa came to live with his family. Initially a servant, once she had learned to speak Dutch fluently she became a valued interpreter between the two cultures. Renamed Eva, she provided Van Riebeeck with valuable inside information about Khoekhoe politics and plans, contributing to the cross-cultural communication that enabled the Dutch to acquire livestock in exchange for tobacco, copper, beads, and drink. (Berger 22)

Mencionamos aqui esta figura histórica para estabelecer uma imediata relação com os *mimic men* referidos por Bhabha. Krotoa, que vê a sua identidade anulada e substituída por um nome cristão deveras simbólico,⁹ encontra-se, metaforicamente, no mesmo espaço de John em *Youth*: um intermédio potencialmente subversivo, pois existe uma sobreposição e um diálogo entre a cultura do agente colonizador e do colonizado. Estes deixam assim de constar em esferas culturais distintas. Veremos de seguida como este *in-between*, acompanhado do processo de *mimicry*, capacita John de parodiar a cultura supostamente dominante e demonstrar as fraquezas da mesma.

É necessário desde já referir a forma como John encara a sua ida para Londres: idealizando profundamente a cidade, o jovem crê inicialmente que a sua adaptação

será fácil e que esta permitirá que se transforme num ilustre escritor. Verificamos, imediatamente, a intenção de John se aproximar da cultura ocidental, numa tentativa de se identificar plenamente com esta e conseguir obter sucesso, nomeadamente num âmbito profissional e criativo. Este processo de tentar encontrar, no agente colonizador, uma identidade cultural satisfatória é uma manifestação de *mimicry* que percorre toda a obra, pois John considera que imitando o indivíduo britânico e tornando-se um “proper Londoner” (Coetzee *Youth* 113), conseguirá o que pretende.

Após a sua chegada à capital britânica, John transmite de imediato a sua desilusão devido à dificuldade em encontrar um emprego estável e aprazível. Mais do que desagrado perante as suas funções (que também é manifestado), John sente-se frustrado por não conseguir transmitir aos seus colegas a sua veia artística: “How can he bring out words like *love, poetry* before them?” (*Ibidem* 43). Esta interrogação é uma primeira chamada de atenção para uma das diversas fraquezas do agente colonizador, que se demonstra incapaz de proporcionar a John - e, por extensão, a todos aqueles que partilham uma identidade cultural híbrida - uma satisfação pessoal e uma realização profissional. No entanto, sabemos que o espaço ocupado por este agente colonizador, *i.e.* Londres, não é de forma alguma monocultural: nesta urbe, a que temos acesso através de John, os cinemas exibem films internacionais - “films from all over the world” (*Ibidem* 48)-; a empresa de excelência que lhe oferece emprego é americana (*Ibidem* 50); e nos jornais impressos apenas as secções que se ocupam de temas muito concretos são vistas com seriedade: “American poetry, electronic music [and] abstract expressionism” (*Ibidem* 49). Estas considerações são de extrema importância quando atentamos na persistência de John em integrar-se na sociedade britânica, assemelhando-se aos indivíduos ali nascidos.

Após dois meses em Londres, John vê mudanças em si: “. . . indistinguishable in his black uniform from any other London office-worker, exchanging opinions on everyday subjects with a fullblooded Londoner, successfully negotiating all the conversational properties” (*Ibidem* 51). Destacamos aqui a utilização do termo “fullblooded” que nos remete para o facto de John crer ser semelhante a indivíduos que supostamente não possuem uma identidade cultural híbrida. Aludimos agora ao parágrafo anterior para entender que esta consideração revela uma falta de *cultural awareness* por parte de John, pois Londres não é um centro cultural que possa ser apelidado de puro e isolado de influências exteriores, apesar de ter sido outrora a capital de um grande Império.

Curiosamente, esta atitude de John auxilia-o em demonstrar precisamente o quão este agente colonizador ocidental é frágil na sua própria identidade cultural e

autoridade colonial. Mantendo esta mentalidade e aproximando-se dos supostos *fullblooded Londoners*, John consolida-se como elemento disruptivo da identidade cultural do agente colonizador que fica agora desprovido de superioridade racial e conseqüentemente enfraquecido na sua missão colonizadora. Pelo contrário, é John que, utilizando a estratégia de *mimicry*, atinge uma vantagem sobre ele e subverte o seu discurso de poder: “Thus the desire for mimicry . . . is eventually transformed into a strategic desire of the colonized, who, metonymically subverts the location from one of disadvantage to one of advantage” (Chakrabarti 15). Esta *mimicry* manifesta-se de diversas formas. Sabemos que John procura aproximar a sua pronúncia àquela dos britânicos e é referido que, se mantiver tal progressol e se se revelar cuidadoso com as suas vogais, conseguirá passar por um britânico no meio de uma multidão (Coetzee *Youth* 51). Esta referência ao seu progresso indica que John está conscientemente a alterar a sua pronúncia sul-africana e a adotar uma britânica. Analisando este processo à luz do pensamento de Bhabha e da potencialidade de subversão, vemos que, por mais que John se assemelhe a este agente colonizador ocidental, ele é incapaz de se libertar da sua cultura sul-africana (consciente e inconscientemente): tal como Friday em *Foe* guarda e transporta a sua história através do seu silêncio, John transporta a sua cultura continuando a escrever sobre África do Sul e sentindo-se confortável quando dialoga usando *Afrikaans*, a sua língua materna (*Ibidem* 62; 127). John está a resistir ativamente. Temos então aqui presente um agente colonizado que mimetiza o agente colonizador e se infiltra na sociedade ocidental transportando todo o seu *background* cultural sul-africano e a recentemente adquirida identidade britânica, usando-a em seu proveito, algo que ocorre visível também no importante passo que se transcreve em seguida: “. . . he got free lodging by masquerading as a dependable professional man, he has to keep up the pretence of having a job” (*Ibidem* 122).

Assim como Friday, John também ridiculariza o agente colonizador britânico. Uma das instâncias em que tal se verifica é quando o jovem demonstra uma vontade de abandonar por completo aquilo que considera ser o seu ar colonial: “air of colonial gaucherie” (*Ibidem* 71). Imagina-se então envergando um *outfit* igual aos dos seus vizinhos britânicos. No entanto, ao invés de sentir satisfação por esta tentativa de aproximação e conseqüente integração, John revela que estas roupas são motivo de estranheza: “not only alien to his character but Latin rather than English” (*Ibidem*). Assim sendo, o jovem não consegue optar por uma aparência que lhe facilite uma conquista amorosa na capital de Inglaterra, sendo que a sua dificuldade em manter uma parceira percorre toda a narrativa. A este propósito, Daniel Matias afirma:

The mimicking act . . . is subversive in itself. In seeking to enact what the culture believes to be the correct way of being masculine, John comes to understand the inherent flaw in the demands of hegemonic masculinity, that is, the impossibility of holding a truer connection with another. (Matias 118)

Esta é precisamente a consequência que John enfrenta durante a sua tentativa de se assemelhar ao homem britânico: uma profunda frustração. Esta aproximação não lhe dá, como ele esperava, uma identidade cultural confortável, apesar de estar na esfera cultural do colonizador. Pelo contrário, esta insatisfação de John vem demonstrar o facto do agente colonizador ser, no fundo, superficial e possuir *inherent flaws*, como invoca Daniel Matias.

Outro momento em que a paródia que deriva desta subversiva *mimicry* se manifesta de forma muito subtil é quando John reflete sobre o Museu Britânico, que frequenta para melhor conhecer a cultura britânica e se integrar na mesma: “. . . he thinks to himself: is that what we have dedicated ourselves to, I and these other lonely wanderers in the bowels of the British Museum?” (Coetzee *Youth* 55). Aludimos a esta passagem porque, como temos vindo a verificar, a escolha atenta de vocabulário - ainda que seja apenas um único termo - é de extrema relevância na transmissão de determinados significados, que muito importam para a presente análise. Destacamos então o uso de “bowels”: este termo invoca de imediato um submundo, expresso de uma forma quase hilariante e aqui associado ao Museu Britânico. Há uma ausência de luz (associada ao processo de colonização) no mais importante centro cultural do país, que se estabeleceu claramente como um símbolo do Império Britânico no século XIX e, segundo Emily Duthie, conservando uma índole imperialista até aos dias de hoje: “Despite its claims that it has re-defined its public image, the museum’s attempted transition to a post-imperial context has been confused and deeply uneasy. It remains an imperial institution in a post-imperial world” (23).¹⁰

Resta-nos finalizar este capítulo referindo aquele que consideramos ser o exemplo que melhor ilustra a subversão efetuada por John, ocorrendo este perto do fim da obra e simbolizando assim o culminar de uma viagem intrapessoal muito atribulada mas que permite subverter o discurso de poder ocidental: “He is better, much better, as a batsman and as a bowler too, than his fellow players. How, he asks himself, did these young Englishmen spend their school days? Must he, a colonial, teach them to play their own game?” (Coetzee *Youth* 159). É aqui revelado que John, através da estratégia de *mimicry* que emprega, supera os jogadores britânicos num jogo que é um símbolo nacional britânico.¹¹ É um acontecimento que - invocando Homi

Bhabha - parodia o poder do agente colonizador como modelo e destrói a sua monumentalidade histórica (87-8). John está aqui a comprovar que não só é capaz de mimetizar o agente colonizador britânico como mudar o foco do discurso, para que o poder resida agora em si próprio nesta dinâmica proporcionada pela partida de críquete. Existe então uma subversão do poder do agente colonizador e o desejo que este nutre por um sujeito colonial semelhante (denote-se o uso de “colonial” na passagem supracitada de *Youth*) transforma-se assim numa verdadeira ameaça: John é visto como inapropriado - “‘inappropriate’ colonial subject” - e, portanto, este desejo (re)produz agora uma versão ainda que parcial do colonizador - “partial vision of the colonizer’s presence; a gaze of otherness” (*Ibidem* 88-9).

Nunca conseguindo integrar-se plenamente mas aproximando-se o suficiente da cultura britânica para que esteja capacitado de a questionar ativamente, permanece na mente de John a eterna questão que deriva da sua *in-betweenness* cultural: “How long will he have to live in England before it is allowed that he has become the real thing, become English?” (*Ibidem* 103).

4. Notas conclusivas

O estudo de obras como *Youth* e *Foe* partindo de uma abordagem pós-colonial permite, como verificado através da investigação aqui desenvolvida, colocar o foco em personagens cujo *background* cultural tenha sido marcado por um processo de colonização e inferiorização. Ao invés de reduzirmos estas personagens à sua posição de agentes colonizados, tencionámos demonstrar como são capazes de resistir ao discurso de poder do agente colonizador e subverter o mesmo. O conceito e processo de *mimicry* apresentado por Bhabha, servindo como base teórico-metodológica da nossa abordagem, revelou-se extremamente útil para perceber esta estratégia de subversão em particular e a abrangência da mesma no abalo dos sistemas de poder de nações historicamente colonizadoras. Permitiu também demonstrar, através do conceito de ambivalência aplicado a esta abordagem pós-colonial, que Bhabha contribui para um avanço na forma de entender as complexas dinâmicas coloniais e a interligação entre os agentes colonizador e colonizado, pelo que nem o agente colonizador detém um poder inquestionável, égide da sua missão civilizadora, nem o agente colonizado se revela incapaz de o contestar, demonstrando uma (talvez) surpreendente capacidade de resistência.

Incorporado nos Estudos Literários e na análise de obras como as que elegemos, a proposta de Bhabha permite identificar instâncias onde a estratégia de *mimicry* é

empregue pelo agente colonizado e como a mesma traz para a luz o seu poder aparentemente oculto e reservado, mas, na verdade, extremamente desestabilizador.

No entanto, é necessário referir também que, no decorrer da elaboração deste artigo, evidenciou-se uma certa impossibilidade de escapar do binarismo tradicional. Invocamos novamente Edward Said e o pressuposto de que não é possível ignorar divisões no seio da análise pós-colonial (327). Tal é visível na nossa escolha terminológica, que não descurou a utilização dos termos agente colonizador e agente colonizado, demonstrando que, apesar da ambivalência e subversão existentes, esta dinâmica binária permanece bastante enraizada não apenas na nossa linguagem como também no próprio processo de pensamento e memória cultural coletiva. Não obstante, procurámos explorar as obras com o cuidado requerido de uma análise desta natureza, tendo presente que as personagens que decidimos focar - Friday e John - se encontram fora do espaço cultural que os enuncia como agentes colonizados na sua totalidade, para se moverem num *Third Space* que arruina a originalidade, pureza e poder absoluto do espaço do agente colonizador e permite uma sobreposição de ambos. No fundo, um espaço híbrido e não dicotómico, tanto num plano mais abstrato como também histórico.¹²

Resta-nos referir que, naturalmente, não foram aqui abordados todos os aspetos passíveis de análise contidos nestas obras, atestando assim a sua rica complexidade. No entanto, através daqueles a que escolhemos dar atenção no presente artigo, procurámos cumprir o objetivo a que nos propusemos, demonstrando que tanto *Foe* como *Youth* nos apresentam personagens que viajam até ao espaço privilegiado do agente colonizador, mimando-o e aí subvertendo o seu poder. Reclamando a sua capacidade de, a par com Robinson Crusoe, serem eles próprios uma ilha, Friday e John transportam na sua existência toda uma identidade cultural que os estabelece como verdadeiros elementos de disrupção e resistência.

Obras Citadas

Ashcroft, Bill, et al. *Post-Colonial Studies. The Key Concepts*. 2nd Edition. Routledge, 2007.

Berger, Iris. *South Africa in World History*. Oxford University Press, 2009.

Bhabha, Homi K. *The Location of Culture*. Routledge, 1994.

Boehmer, Elleke. *Colonial and Postcolonial Literature*. 2nd Edition. Oxford University Press, 2005.

- Chakrabarti, Sumit. "Moving Beyond Edward Said: Homi Bhabha and the Problem of Postcolonial Representation." *International Studies. Interdisciplinary Political and Cultural Journal*, vol. 14, no. 1, 2012, pp. 5-21, <https://doi.org/10.2478/v10223-012-0051-3>. Acedido 19 Out. 2020.
- Coetzee, J. M. *Foe*. Penguin Books, 2013.
- . *Youth*. Vintage Books, 2003.
- . "Daniel Defoe, Robinson Crusoe". *Stranger Shores. Essays 1984-1999*. Vintage Books, 2002.
- Defoe, Daniel. *Robinson Crusoe*. Penguin Books, 2012.
- Duthie, Emily. "The British Museum: An Imperial Museum in a Post-Imperial World." *Public History Review*, vol. 18, 2011, pp. 12-25, <https://doi.org/10.5130/phrj.v18i0.1523>. Acedido 2 Jan. 2021.
- Galvan-Alvarez, Enrique, et al. "Decolonising the state: subversion, mimicry and criminality." *Postcolonial Studies*, vol. 23, no. 2, 2020, pp. 161-9. <https://doi.org/10.1080/13688790.2020.1752356>. Acedido 3 Nov. 2020.
- Holt, Richard. "Cricket and Englishness: the Batsman as Hero." *The International Journal of the History of Sport* ("European Heroes Myth, Identity, Sport"), vol. 13, no.1, 1996, pp. 48-70. <https://doi.org/10.1080/09523369608713924>. Acedido 15 Dez. 2020. < >.
- Malcolm, Dominic. *Globalizing Cricket: Englishness, Empire and Identity*. Bloomsbury Academic, 2013.
- Matias, Daniel Filipe Mendes. 'Wooden Man?': *Masculinities in the Work of J. M. Coetzee (Boyhood, Youth and Summertime)*. Peter Lang, 2017.
- McInelly, Brett C. "Expanding Empires, Expanding Selves: Colonialism, the Novel, and Robinson Crusoe." *Studies in the Novel*, vol. 35, no.1, 2003, pp. 1-21. <https://www.jstor.org/stable/29533546>. Acedido 18 Dez. 2020.
- Naeef, Elham. "Iterative Mimicry as Writing Back: Role Reversion in Coetzee's *Foe*, *Disgrace* and *Life and Times of Michael K*." *Journal of Language Horizons*, vol. 1, no.1, 2017, pp. 39-51. https://lghor.alzahra.ac.ir/article_2657.html. Acedido 2 Nov. 2020.

- Neimneh, Shadi. "Postcolonial Feminism: Silence and Storytelling in J. M. Coetzee's *Foe*." *Journal of Language and Literature*, vol. 5, no. 2, 2014, pp. 49-55, [http://www.ijar.lit.az/pdf/jll/10/JLL2014\(2-7\).pdf](http://www.ijar.lit.az/pdf/jll/10/JLL2014(2-7).pdf). Acedido 2 Nov. 2020.
- Nitschke, Claudia. "Joachim Heinrich Campe's Robinson the Younger: Universal Moral Foundations and Intercultural Relations". *Humanities* ("Transcultural Literary Studies: Politics, Theory, and Literary Analysis"), vol. 5, no. 2, 2016, n. pag., <https://www.mdpi.com/2076-0787/5/2/45/htm>. Acedido 25 Out. 2020.
- O'Malley, Andrew. *Children's Literature, Popular Culture, and Robinson Crusoe*. Palgrave Macmillan, 2012.
- Ramos, Iolanda Freitas. *Matrizes Culturais. Notas para um Estudo da Era Vitoriana*. Edições Colibri, 2014.
- Said, Edward. *Orientalism*. Penguin Books, 2003.
- Scharfman, Ronnie. "Before the Postcolonial." *Yale French Studies* ("French and Francophone: The Challenge of Expanding Horizons"), vol. 103, 2003, pp. 9-16. <https://www.jstor.org/stable/i359414>. Acedido 21 Out. 2020.
- Schnabel, Johann Gottfried. *Die Insel Felsenburg*. Nabu Press, 2011.
- Selvon, Sam. *The Lonely Londoners*. Penguin Books, 2011.
- Wickler, Wolfgang J.H. "mimicry." *Encyclopedia Britannica*, <https://www.britannica.com/science/mimicry>. Acedido 8 Out. 2020.
- Young, Robert J. C. *Postcolonialism: An Historical Introduction*. Blackwell Publishing, 2001.
- . *Postcolonialism: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2003.

¹ Ver *Orientalism* (327).

² Aquelas que, ocupando-se de analisar as relações coloniais, nomeadamente em domínio literário, excluem aspetos que o pós-colonialismo enfatiza para alargar o espectro da crítica a povos e nações sujeitos ao processo de colonização. Sobre esta questão, veja-se o artigo "Before the Postcolonial" de Ronnie Scharfman.

³ Termo cunhado pelo escritor alemão Johann Gottfried Schnabel no prefácio da sua obra *Die Insel Felsenburg* (1731). Este veio a designar, como Andrew O'Malley refere, um subgénero literário de narrativas que tematicamente se demarcam pelas suas demandas recheadas de aventura e exploração (48). No entanto, para uma explicação mais detalhada que estabelece uma relação com a origem do termo, citamos presentemente Claudia Nitschke: "Johann Gottfried Schnabel's novel *Insel Felsenburg* (...) offers a prime example of this classification, as the forpartite novel combines shipwreck, insular isolation, and the conceptualisation of a utopian community far away from . . . Europe . . ." (s/pág.).

⁴ Atente-se no carácter expansionista do Império Britânico que, durante a Era Vitoriana (mais concretamente entre 1870 e 1914) conheceu a sua maior extensão e foi aclamado como ". . . o Império no

qual o sol nunca se punha [e que] ocupava um quinto do mundo e integrava mais de 300 milhões de pessoas. . .” (Ramos 87).

⁵ No presente artigo, faremos uso do termo tal como este é explicitado por Elleke Boehmer na sua obra *Colonial and Postcolonial Literature*. A autora afirma: “. . . postcoloniality can be defined as that condition in which colonized peoples seek to take their place, forcibly or otherwise, as historical agents in an increasingly globalized world” (3). No âmbito dos Estudos Literários, que nos interessa particularmente, a literatura pós-colonial apresenta-se como aquela que escrutina de forma crítica e subversiva a relação colonial e confere a possibilidade de resistência a perspetivas colonialistas (*Ibidem*).

⁶ Uma vez que Foe representa o escritor Daniel Defoe, que efetivamente escreveu *Robinson Crusoe*, a subversão de Friday consegue esbater aqui as fronteiras do literário e do histórico. Se estabelecermos uma analogia entre a obra de Coetzee e a realidade histórica que envolve a produção e publicação de *Robinson Crusoe*, podemos interpretar a pantomima de Friday como uma ridicularização do próprio Daniel Defoe, comumente identificado como o fundador do romance inglês. Foe adquire assim uma extraordinária abrangência, com um *counter-gaze* que é transportado para a realidade sociocultural de Coetzee, cujo ato de reescrever a obra-prima de Defoe pode também ser considerado um ato de *mimicry* e, portanto, subversivo: “Regarding Foe, critics regarded the very act of rewriting a former novel, which was the representative of English colonization, as an act of mimicry” (Naeef 42).

⁷ No seguimento de uma conversa entre Susan e Cruso sobre o suposto canibalismo de Friday, este último afirma: “Brazil is hundreds of miles distant, and full of cannibals. . .” (Coetzee *Foe* 13). Cruso, como agente colonizador na sua ilha, faz aqui referência a este estereótipo que mencionamos. É interessante ainda verificar que a própria Susan, refutando esta informação, nos alerta para o facto de a perspectiva de Cruso ser uma consequência da sua mentalidade: “Growing old on his island kingdom with no one to say him nay had so narrowed his horizon . . . that he had come to be persuaded he knew all there was to know about the world” (*Ibidem*). Susan crê que este tipo de pensamento se deve ao modo de vida de Cruso e importa destacar o uso do termo “kingdom” nesta passagem, pois é precisamente esta conceção da ilha como um reino que consolida a mentalidade de Cruso em torno de uma superioridade que este atribui a si mesmo. Assim, sem ninguém para o contestar (“no one to say him nay”, que antecipa aliás o papel de Susan como agente colonizador de Friday, pois ela escolhe desde já ignorá-lo como elemento munido de poder subversivo), Cruso estabelece-se como agente colonizador e utiliza uma linguagem condescendente, mas também autoritária para instruir Susan sem admitir uma contestação da sua parte.

⁸ Note-se que Susan permanece incerta sobre a razão que impede Friday de falar, pois esta nunca observa o interior da sua boca: “When your master asked me to look, I would not. An aversion came over me that we feel for all the mutilated” (Coetzee *Foe* 85).

⁹ Não se poderá ignorar o facto de o nome Eva simbolizar um início, o que denota uma colonização não só da cultura e ascendência desta jovem, como da sua identidade individual.

¹⁰ Tal acontece, em parte, pela insistência do Museu em manter nas suas coleções artefactos que colecionou durante as expedições que decorreram do processo de colonização britânico: “Increasingly demands for the repatriation of key objects in the museum’s collection have appeared in the public arena. Countries including Greece, Egypt and Nigeria maintain that antiquities belong to the particular nations in which they were found and demand the return of ancient artifacts to national jurisdiction. The British Museum has rejected most demands for repatriation” (Duthie 12-3).

¹¹ Dominic Malcolm constrói uma interessante análise sobre a associação entre o críquete e o conceito de *Englishness* e identidade nacional, bem com o papel da literatura em consolidar esta relação. Partindo da premissa de que o conceito de nacionalidade é subjectivo e uma forma de definir um Eu e um Outro (31), o autor elabora: “The ideological connection between cricket and Englishness emerged concurrently with . . . late eighteenth- and early nineteenth-century developments. In the same way that sportization and parliamentarization were concomitant processes, so the identification of English national character and cricket as the national game corresponded. Like English national character, cricket’s social significance was championed by a literary elite” (3-4). Já Richard Holt, apesar de não se debruçar sobre a ideologia subjacente a este desporto da mesma forma que Malcolm, reflete sobre o críquete atentando no facto de este se disseminar por diversas classes sociais e assim se tornar um desporto nacional: “Cricket . . . was unlike other sports not only in the way it acquired a moral vocabulary and called up images of a vanishing pastoral England but because it was no longer confined to certain social groups or regions. It was the English national sport. Cricket spread from the eighteenth-century gentry and their country house teams of servants to the growing Victorian middle classes and industrial workers of the cities, covering most of the country” (48).

¹² Veja-se o capítulo “The commitment to theory” em *The Location of Culture* de Bhabha.